

APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE NO TRATAMENTO DA VIOLÊNCIA COTIDIANA

Aluna: Isabel Collier do Rêgo Barros

Orientador: Marcus André Vieira

Introdução

Disseminar o trabalho de psicanalistas pela cidade é algo bastante relevante. O ser humano é atravessado pelo momento histórico-cultural do qual faz parte e isso lhe faz marcas significativas. Mudanças culturais decisivas atingem a organização subjetiva. Desconsiderar tal dado impossibilita um trabalho atento e delicado quando se trata de escutar problemas e queixas individuais apresentados por pessoas que procuram ajuda de psicanalistas. Por isso, o trabalho da psicanálise exige que os psicanalistas estejam sempre questionando e pensando as transformações sociais que atingem sua época.

Vivemos, atualmente, em um ambiente em que está disseminado um certo sentimento de violência generalizada e cotidiana. Nos grandes centros urbanos esse sentimento parece mostrar-se ainda mais intensificado. Segundo Adorno, há uma percepção comum entre cidadãos das mais diferentes classes sociais de que a violência é um fato contemporâneo, da vida cotidiana, ou seja, “a violência não é mais sentida como objeto estranho, que atinge o outro, mas sim como uma situação na qual todos nós, de uma maneira ou de outra, sentimos alguma proximidade.” (ADORNO, 2002)

Há, portanto, uma percepção comum da sociedade de que a violência é um elemento constante em nosso cotidiano. Ela não está mais situada em determinadas regiões geográficas, nem pode ser delimitada em perímetros urbanos que permitiriam uma certa localização social das regiões violentas. A violência está para todos, por todo lado.

Iniciamos este trabalho de pesquisa em março de 2005. Nosso objetivo geral foi avaliar as possibilidades de intervenção psicanalítica em situações de angústia, stress e pânico cotidianos. Para tanto, contamos com a parceria do CEASM (Centro de Estudos e Ação Solidária da Maré), que se configurou como o nosso campo de investigação. Nosso material de pesquisa foi recolhido de atendimentos psicanalíticos em grupo realizados pelos participantes do núcleo de atendimento psicanalítico Digaí-Maré, em projeto que trabalha junto com o Programa de Crianças Petrobrás, do CEASM.

A Maré

Estudar uma metodologia geral de cálculo de cargas críticas e modos de flambagem e frequência de vibração e aplicá-la na análise de estruturas como treliças, vigas e pórticos. Utilização e desenvolvimento de técnicas numéricas e de programas computacionais.

O CEASM [1]

“O CEASM atua no conjunto de comunidades populares da Maré, área da cidade do Rio de Janeiro que reúne cerca de 130 mil moradores. O Centro foi fundado e é dirigido por moradores e ex-moradores locais que, em sua grande maioria, conseguiram chegar à universidade. Os projetos desenvolvidos pelo CEASM visam superar as condições de pobreza e exclusão existentes na Maré, apontado como o terceiro bairro de pior Índice de Desenvolvimento Humano da cidade”.

“A fim de cumprir seu papel, o Centro vem atuando no campo da educação, cultura e geração de renda e trabalho. O CEASM iniciou suas atividades com um pré-vestibular comunitário e, atualmente, atinge milhares de moradores com 14 projetos diferenciados, que abrangem os núcleos de: línguas, informática, alfabetização, ensino fundamental e médio, pré-vestibular, biblioteca, jornal comunitário, formação em vídeo, fotografia, produção gráfica, guia de museus, teatro, música, capoeira, observatório social das favelas, centro de memória do bairro, e outros”.

O Programa de Criança Petrobrás [1]

“Incluído na Rede de Educação do CEASM, o *Programa de Criança Petrobrás* foi implantado em 1999. Seu objetivo maior é contribuir para o desenvolvimento das crianças numa perspectiva global, construindo, através da parceria com a escola, uma proposta que possibilite um enriquecimento do espaço educativo, garantindo não só a permanência destas crianças na escola, mas também uma interferência na qualidade desta permanência”.

“Através do programa, educadores das mais diversas áreas de expressão oferecem aos alunos do ensino público, através de oficinas, o exercício de novas linguagens, como teatro, expressão corporal, dança, capoeira, leitura e escrita, música, informática, idiomas, artes plásticas, *hip hop*, desenho em quadrinhos, educação ambiental. As atividades estão alinhadas à preparação de crianças e jovens para o desenvolvimento de ações solidárias no seu dia-a-dia, a partir de um crescimento autônomo, rico em possibilidades e oportunidades. Por isso, as ações são desenvolvidas em grupos, valorizando os espaços e metodologias que permitam a troca entre os sujeitos e a construção coletiva da sociedade”.

O Núcleo de atendimento psicanalítico *Digaí-Maré*

O Núcleo surgiu de um encontro entre a demanda do Programa de Criança Petrobrás por atendimentos psicológicos a seu público-alvo e o interesse de um grupo de profissionais em trabalhar com esta demanda.

Ele é formado por vinte e cinco psicanalistas, que recebem preferencialmente pessoas indicadas pelas assistentes sociais do Programa de Criança Petrobrás. Procura-se manter a participação de psicanalistas do *Digaí-Maré* na reunião da equipe de assistentes sociais do Programa de Criança Petrobrás, a fim de manter um diálogo próximo com esses profissionais e construir estratégias de ação em parceria.

O objetivo principal do *Digaí-Maré* é atender às situações de crise. No caso do Programa de Criança, elas costumam estar associadas às crianças que representam sérios impasses aos pais e profissionais que com elas trabalham, tais como, envolvimento com práticas ilícitas, evasão escolar, dificuldade de aprendizagem, desestruturação familiar, entre outros.

Os atendimentos se dão, a princípio, em grupos, sendo igualmente oferecida a possibilidade, quando assim avaliado pela equipe, de atendimento individual.

Metodologia do *Digaí-Maré*

Os grupos

Etapas do trabalho

O foco principal do Projeto *Digaí* é a oferta de atendimento psicanalítico aos moradores da Maré.

A primeira etapa do trabalho é o acolhimento de crianças, adolescentes e adultos (pais, professores e assistentes sociais) encaminhados pelas assistentes sociais do Programa de Criança Petrobrás. No trabalho junto às crianças, aos adolescentes e aos familiares, o Programa de Criança depara-se frequentemente com situações de grave risco social, fracasso e evasão escolar e desestruturação familiar. É esse o público que tende a ser encaminhado aos

psicanalistas do Projeto Digaí, além dos moradores da comunidade que procuram atendimento por conta própria.

Em cada situação apresentada, é feito um trabalho clínico de escuta psicanalítica, a partir do qual se decide o melhor procedimento a ser tomado. Isso porque a psicanálise não trabalha com regras gerais pré-estabelecidas, e sim com uma reflexão feita a partir de cada caso. Em algumas situações, por exemplo, a melhor forma de ajudar uma criança é atendendo a sua família, assim como a melhor solução dos problemas de uma família pode passar pelo atendimento de uma criança.

A partir daí se julga a necessidade e a natureza do trabalho a ser realizado. A principal ferramenta do Projeto Digaí é o atendimento psicanalítico em grupo. São oferecidos grupos de crianças, de adolescentes e de adultos. A homogeneidade de cada grupo é assegurada pelo interesse comum dos integrantes em partilhar seus sentimentos e elaborações acerca de seus sofrimentos. Além disso, há casos em que os atendimentos individuais são priorizados, quando a equipe assim achar necessário.

Dispositivos coletivos

O primeiro passo dos grupos de psicanálise é cultivar o espaço de questionamento das certezas, mas de um modo bastante singular. Não se trata de tentar convencer um sujeito de que suas crenças, manias e hábitos estão errados e devem ser alterados, pois isso seria uma queda de braço inútil e violenta.

O recurso à fala, no dispositivo psicanalítico, promove a manifestação do inconsciente, uma forma extremamente valiosa de promover mudanças que até então pareciam improváveis. A psicanálise, através do trabalho com o inconsciente, propõe uma brecha, um pequeno espaço entre um ato cotidiano e outro, entre uma idéia já consolidada como verdadeira e outra, entre um sentimento angustiante e uma explicação dada a ele, muitas vezes ineficiente para apaziguar o sofrimento. Desta forma, algum conhecimento pode se construir com a marca do novo.

A proposta dos grupos, contudo, não se resume à construção de explicações e elucubrações sobre o sofrimento. O recurso à fala é fundamental porque, desde que orientado pela técnica psicanalítica, é capaz de promover mudanças subjetivas fundamentais e rápidas. O dispositivo em grupos tal como é concebido em sua aplicação na Maré visa efeitos importantes e imediatos.

Funcionamento

Os encontros dos grupos ocorrem uma vez por semana e têm duração média de uma hora e meia. Dois psicanalistas coordenam cada grupo, que estará aberto para receber novos participantes até que se caracterize o momento de fechar o grupo e prosseguir o trabalho sem novos membros. De forma geral, o número de participantes de cada grupo não excede doze adultos ou oito crianças e adolescentes. A partir do momento de fechamento, prevemos uma duração média de seis meses. Os atendimentos individuais são geralmente realizados uma vez por semana e duram em média 30 minutos. Seu tempo de fechamento é menos previsível que aquele dos grupos, mas só deve exceder um ano em casos especiais.

A psicanálise e suas aplicações

Por ser um fenômeno eminentemente social a violência é geralmente estudada por cientistas sociais. Como a psicanálise insere-se aí? A Organização Mundial de Saúde define violência do seguinte modo: “lesão, morte, dano psicológico, perturbação no desenvolvimento ou privação”. Ou seja, evidentemente, a violência acarreta, muitas vezes, em danos subjetivos.

Ansiedade, depressão e estresse são exemplos dos problemas que atingem hoje um grande número da população brasileira de um centro urbano tal como a cidade do Rio de

Janeiro. (*Segundo XXX, porcentagem da população com esses problemas.*) Certamente não podemos realizar uma referência direta entre violência, por um lado, e ansiedade, depressão e stress, por outro, sem maiores cuidados. No entanto, devemos considerar a possibilidade desses elementos estarem associados, nos perguntando de que forma.

A proposta de realizar um trabalho de escuta e intervenção psicanalítica na Maré leva em consideração o fato de problemas subjetivos que podem estar vinculados à violência generalizada, como estresse, ansiedade e depressão, atingem pessoas em toda a cidade. A psicanálise de orientação lacaniana tem uma proposta atual de levar o trabalho psicanalítico a lugares da cidade onde este não costumava ir, pois ficava restrito ao espaço dos consultórios particulares. Acreditamos assim na possibilidade de abrangência e flexibilização do dispositivo analítico. Proposta de grupos, tempo, e outras novas movimentações.

Soluções singulares e criativas para problemas subjetivos, novas montagens que convoquem o desejo no lugar da ansiedade, do estresse e da depressão, sem desconsiderar a importância do coletivo, são os objetivos maiores do trabalho dos psicanalistas na Maré.

A abertura de um intervalo na cadeia de ações e pensamentos, constantes e permanentes na vida de todos nós, possibilita que novas associações e idéias sobre nós mesmos e sobre os problemas que nos tomam sejam criadas. A psicanálise propõe uma brecha, um intervalo, um pequeno espaço entre um ato cotidiano e outro, entre uma idéia já consolidada como verdadeira e outra, entre um sentimento angustiante e uma explicação dada a ele, muitas vezes, ineficiente para apaziguar o sofrimento.

A prática clínica demonstra que receitas prontas já desgastadas e ineficientes para dar conta da angústia podem ser transformadas e novas cadeias de ações e pensamentos criadas pelo sujeito a partir de sua própria história de vida e estilo pessoal. A proposta de trabalhar com a psicanálise na Maré se baseia na aposta de que na abertura referida acima – na brecha que o dispositivo psicanalítico cria para o sujeito – há a possibilidade de invenção de soluções que apontem para uma vida menos angustiada.

O material de pesquisa – Metodologia de pesquisa

Como já foi dito acima, nosso material de pesquisa foi recolhido do Núcleo de atendimento psicanalítico Digaí-Maré. Acompanhamos ao longo deste ano não só os fragmentos clínicos discutidos em reuniões e sessões clínicas, mas também o próprio processo de criação e consolidação do núcleo.

A equipe técnica do Digaí-Maré tem encontros semanais para discussão dos casos clínicos e estudos teóricos. A cada “reunião clínica” como são chamados os encontros, a bolsista de IC elabora uma ata, que constitui material de pesquisa. Os integrantes da pesquisa também participam lendo e, eventualmente, apresentando textos que serão estudados nas reuniões.

Seis psicanalistas que acompanham o Projeto Digaí, mas não realizam atendimentos na comunidade, oferecem supervisão aos psicanalistas que sentirem necessidade de realizarem um estudo mais específico de algumas situações apresentadas. A supervisão se dá por meio de cartéis. O que for produzido nos cartéis também é incluído como material de pesquisa.

Há ainda uma reunião bimestral, chamada “sessão clínica”, com a presença de todos os integrantes da equipe técnica do Digaí-Maré, assim como os membros da pesquisa. Realiza-se um balanço clínico, com fragmentos de atendimentos e debates, que são registrados pela bolsista e também servem de material para a pesquisa.

Por fim, realizou-se uma Jornada de Estudos em março de 2006, com apresentação de trabalhos e discussão.

A Jornada de Estudos “Rumo à Cidade”

A Jornada de Estudos “Rumo à Cidade” foi realizada, como já foi dito, em março de 2006. Surgiu como um momento de estudo teórico e de formalização da experiência e pretendeu discutir os impasses e soluções que se apresentaram à equipe do *Digaí-Maré* ao longo do ano de 2005. Teve como tema geral a experiência de atendimento psicanalítico na favela, e como tema específico a psicanálise em dispositivos coletivos.

A bolsista de IC teve a função de organizar, coordenar e apresentar a Jornada. Segue o programa da Jornada:

Programa da Jornada de Estudos “Rumo à Cidade”

Abertura

Por Isabel do Rêgo Barros

1 | Rumo à cidade |

“Atendimento psicanalítico na favela”

Por Marícia Ciscato

“Uma prática lacaniana no coletivo: fiel aos princípios e aberta às contingências”

Por Andréa Reis e Sandra Viola. Relatora: Andréa Reis

2 | “A psiquiatria inglesa e a guerra” |

Por Sandra Viola e Ângela Negreiros

Relatora: Sandra Viola.

Debatedora: Cristina Duba

3 | “Do *tapa certo* ao *tapa qualquer coisa*, do caos à transferência: uma experiência com crianças no *Digaí-Maré*” |

Por Lourenço Astua e Maritza Garcia

Conclusão

A pesquisa “Aplicações da psicanálise no tratamento da violência cotidiana” é um exemplo de como a psicanálise não está fadada a permanecer entre as quatro paredes do consultório, mas pode atuar em diversos tipos de dispositivos, sem abrir mão de seus princípios básicos. É seguindo a mesma linha que o psicanalista francês Éric Laurent nos dá a definição do analista cidadão.

“Há que se passar do analista fechado em sua reserva, crítico, a um analista que participa; um analista sensível às formas de segregação; um analista capaz de entender qual foi sua função e qual lhe corresponde agora.”[2]

O *Digaí-Maré* procura levar a psicanálise a um espaço da cidade onde ela não existia, um espaço marcado pela violência, seja ela a do poder paralelo do tráfico ou a negligência dos órgãos públicos e governamentais. A pesquisa, por sua vez, pretende fazer uma investigação teórica que ajude a fundamentar uma experiência clínica, agindo no mesmo caminho de tomar partido nas questões contemporâneas a partir da psicanálise.

Referências

1 - www.ceasm.org.br

2 - Laurent, Éric. O analista-cidadão. **Curinga n. 13**. Belo Horizonte: EBP-MG, setembro 1999, pág. 13.